

HOMESCHOOLING: A EDUCAÇÃO DOMICILIAR COMO UMA ALTERNATIVA À ESCOLA CONVENCIONAL

Marcelo de Barros Portela¹

RESUMO

Neste trabalho o *homeschooling* é apresentado como uma opção educacional para as famílias brasileiras em geral e para os pais cristãos em particular. Nele são tratados alguns problemas do nosso sistema de educação convencional e que justificam a adoção desse modelo de ensino cuja direção pertence aos pais e que se baseia primeiramente, mas não exclusivamente, no lar do estudante. A seguir, alguns aspectos do homeschooling são apresentados para familiarizar o leitor com o tema. No fim, algumas considerações são feitas, dentre elas, que o homeschooling é mais uma possibilidade viável para o público cristão ao lado das escolas públicas e privadas.

Palavras-chave: Homeschooling; Educação clássica; Trivium; Ferramentas da aprendizagem.

ABSTRACT

This work presents the homeschooling as an educational option for Brazilian families in general and Christian parents in particular. Some problems of our conventional education system are treated in it what justify the adoption of this teaching model whose direction belongs to parents and is based primarily, but not exclusively, in the student's home. Next some aspects of homeschooling are presented to familiarize the reader with the subject. In the end, some considerations are made, among them, that homeschooling is another viable possibility for the Christian public alongside the public and private schools.

Keywords: Homeschooling; Classical education; Trivium; Tools of learning.

¹ Concluinte do curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba

1. INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho acadêmico é a apresentação do homeschooling (conhecida como educação domiciliar), como uma alternativa educacional para as famílias brasileiras em geral e para os pais cristãos em particular. Diante das duas possibilidades normalmente conhecidas, ou seja, as escolas públicas e privadas – ambas em maior ou menor grau controladas pelo Estado – começa a surgir no Brasil essa possibilidade que já abarca cerca de dois milhões de estudantes nos Estados Unidos.

Naturalmente que este é um assunto polêmico no Brasil, cujas leis são bem restritivas, mas nem por isto deve deixar de ser discutido, visto que a educação é um item muito importante na formação das pessoas.

A pergunta básica que se tenta responder é se uma educação acadêmica é possível apenas no âmbito das escolas institucionalizadas, públicas ou privadas, e se esse sistema de educação é de alguma forma prejudicial para a igreja cristã. Outros questionamentos surgem a partir desse, a saber: Há outras opções educacionais além das escolas? Se há, como os conteúdos são transmitidos? Como os valores e crenças cristãs podem ser inseridos?

A justificativa para este trabalho reside na constatação de que nosso sistema de ensino tem demonstrado sua baixíssima qualidade em inúmeros exames internacionais. Soma-se a isso o fato de que, após anos de ensino fundamental e médio, numerosos jovens em nosso país (uma parcela considerável) podem ser considerados como analfabetos funcionais.

Diante disso, faz-se necessário a busca de alternativas de ensino para que crianças, adolescentes e jovens possam estudar, obtendo uma educação mais individualizada, mais integrada com a família e com a cosmovisão cristã, em ambientes mais diversificados, com a possibilidade de alcançar um nível acadêmico melhor. Ao mesmo tempo em que ficam livres da influência de filosofias que negam os princípios cristãos e do ambiente escolar propriamente dito.

O artigo se preocupou em analisar alguns pontos relevantes, como o desempenho acadêmico dos estudantes no homeschooling, em que dois fatores primordiais que caracterizam o homeschooling se destacam: a socialização das crianças e a relação com a transmissão da fé cristã.

2. O HOMESCHOOLING COMO ALTERNATIVA EDUCACIONAL

Com a defesa do homeschooling, pretende-se aumentar o leque de possibilidades e criar discussões que possam contribuir para o aperfeiçoamento da educação no país como um todo, haja vista a possibilidade de inúmeros modelos educacionais já adotados nos EUA e que poderiam ser incorporados no Brasil.

É preciso deixar claro que este trabalho não propõe a abolição das escolas públicas ou privadas, mas apenas apresentar uma alternativa para os pais que reconheçam os perigos a que estão expostos seus filhos em nossas escolas atualmente: perigos espirituais, intelectuais, morais e sociais.

Infelizmente os estudantes cristãos estão sofrendo uma influência negativa no ambiente acadêmico nos moldes atuais. O homeschooling, por sua vez, apresenta-se como “a alternativa mais radical para pais cristãos” (COLSON; PEARCEY, 2000, pg. 400).

2.1. DEFININDO O HOMESCHOOLING

Homeschooling é uma palavra inglesa que significa literalmente “educação domiciliar” ou “educação no lar”. Descreve basicamente a realidade de muitas crianças que deixam de frequentar a escola e de receber uma educação formal direcionada pelo Estado e passam a receber uma educação planejada, direcionada e ministrada pelos pais, este último quesito, no entanto, podendo ser delegado a outras pessoas, conforme a necessidade. Suas outras designações podem ser *home education*, educação não escolar, educação doméstica ou educação em casa (VIEIRA, 2012, pg. 11).

Lisa Rivero (2008, pg. 10) cita a seguinte definição de *homeschooling* dada pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos:

Crianças educadas em casa podem ser ensinadas por um ou ambos os pais, por tutores que vêm até a residência, ou através de programas escolares virtuais conduzidos por meio da internet. Alguns pais preparam seus próprios materiais e projetam seus próprios programas de estudo, enquanto outros usam materiais produzidos por companhias especializadas em recursos para educação domiciliar.

Entretanto, Joseph Murphy (2014, pg. 4) afirma que não é tão fácil definir o que seria o movimento de *homeschooling* nos EUA devido à diversidade que o movimento tem assumido naquela nação. Contudo, ele cita vários autores que apresentam algumas definições sobre o *homeschooling*. Algumas definições são úteis para o presente trabalho. Dentre elas, vale a pena mencionar a definição dada por Schemmer, citado por Murphy (2014, pg. 4) em que lemos: “a administração de um programa de instrução educacional oferecido no ambiente doméstico ao invés da presença regular em uma escola pública ou privada”.

Outra definição interessante é fornecida por Ray, citado por Murphy (2014, p. 5):

A prática de educar crianças e jovens durante o que muitas pessoas chamam de período escolar elementar e secundário, em um ambiente de aprendizado que é baseado em casa e guiado pelos pais (ou, pelo menos, claramente sob a autoridade dos pais mais do que sob a autoridade de um sistema escolar estatal ou uma escola privada).

Fica patente, diante das definições acima, que o *homeschooling* é realizado por pais que não desejam mais que seus filhos sejam educados em instituições formais, sejam públicas ou privadas. Nas palavras de Gaither, também citando Murphy (2014, pg. 5), é uma “rejeição deliberada da escola governamental e uma alternativa à ela”. Nessa modalidade de ensino, os pais deixam seu papel passivo em relação à educação e assumem um papel ativo, tornando-se eles mesmos professores, usando materiais didáticos, metodologias e recursos segundo seu arbítrio. Murphy (2014, pg. 5) destaca ainda que o *homeschooling* “implica tanto uma voluntariedade quanto uma rejeição da escola tradicional”.

Murphy (2014, pg. 6 e 7) descreve também algumas características básicas do *homeschooling*:

Um estudante é educado em casa quando (1) o financiamento para a educação vem da família, não do governo; (2) o serviço é fornecido pelos pais, não por funcionário pago pelo Estado (ou financiamento privado); e (3) a regulação do empreendimento é interna à família, não da responsabilidade do governo (ou outra entidade tal como um corpo religioso).

No entanto, é necessário destacar que a designação *homeschooling* ou *home education* e suas traduções como educação domiciliar ou educação em casa podem

levar a um entendimento incompleto da prática em si. O fato de vermos as palavras “home”, “lar” ou “domiciliar” não significa que o *homeschooling* é praticado apenas no interior da residência do educando. Rivero (2008, pg. 24) esclarece que “muitos estudantes domiciliares obtém muito de sua educação longe de casa (na natureza ou grupos ou bibliotecas, por exemplo)”. Vieira (2012, pg. 45), por sua vez, relata uma entrevista com praticantes brasileiros do *homeschooling* em que isso fica claro:

Em determinado momento da entrevista, Rafael nos contou da visita que fizera, naquele dia, ao Museu da Família Colonial. Segundo sua mãe, os passeios com o filho são frequentes. Eles vão, no mínimo, uma vez por semana para museus e parques infantis e, na livraria do *shopping* vizinho à residência da família, participam do semanal “cantinho da leitura”. Mas é nos belos parques de Blumenau que o filho mais interage com outras crianças.

Em um país como o Brasil, onde se acostumou a crer que uma educação formal é possível apenas nas milhares de salas de aula espalhadas em seu território, contando com a presença de dezenas de alunos em um mesmo espaço, sob a direção de professores certificados pelo governo e seguindo um calendário e um currículo padronizado e pré-estabelecido pelo Ministério da Educação, o *homeschooling* surge como uma ideia inovadora e como um grande desafio. Mas apesar de ser um fenômeno pouco conhecido no Brasil, podemos esperar seu crescimento à medida que mais pessoas descobrirem essa modalidade educacional. Afinal, foi justamente isso que ocorreu nos EUA, como Lisa Rivero (2008, pg. 8) relata:

Vinte e cinco anos atrás, muitas pessoas nem sequer sabiam sobre a existência de *homeschoolers* [praticantes do *homeschooling*], e a educação em casa era um risco tanto socialmente e legalmente. Hoje, é legal em todos os cinquenta estados, e enquanto ele possa ter se ajustado apenas com a família não convencional nos anos 1970, *homeschooling* agora apela justamente mais para mães modernas e pais que, até que eles tiveram filhos, provavelmente assumiram que escolas seriam uma parte inquestionável de suas vidas.

Portanto, diante do quase desconhecimento dessa temática entre a população brasileira como um todo e entre teólogos, pais cristãos e a igreja evangélica em particular, este trabalho visa não apenas chamar a atenção das pessoas para os problemas do sistema de ensino nacional, mas também ajudar na

divulgação dessa modalidade educacional e, assim, contribuir tanto para o debate da questão como para a diversificação de modelos de ensino.

2.2. DESEMPENHO ACADÊMICO NO HOMESCHOOLING

No Brasil, devido ao baixo número de praticantes do homeschooling, não há como mensurar o desempenho intelectual das crianças, adolescentes e jovens ensinados nesse sistema. Entretanto, Vieira (2012, pg. 36), em seu trabalho acadêmico, relata que nos casos analisados por ele os estudantes estavam tendo ótimos desempenhos, como, por exemplo, os dois filhos de Cleber Nunes. Esses garotos, os quais Vieira conheceu, ganharam inclusive prêmios por suas por seus feitos na área de *web designer* e programador.

No entanto, nos Estados Unidos, onde há cerca de dois milhões de crianças no sistema (MURPHY, 2012, pg. 9), os resultados acadêmicos mostram-se promissores. Murphy cita diversas pesquisas que atestam o bom desempenho dos alunos domiciliares, segundo as normas ou testes padronizados daquela nação. Dentre essas pesquisas, veem-se pontuações de alunos no mínimo iguais às aquelas alcançadas pelos alunos de escolas públicas (MURPHY, 2012, pg. 135), mas a norma tem sido pontuações maiores, mesmo quando comparadas com alunos de escolas privadas. Murphy (2012, pg. 136), referindo-se a um pesquisador, escreve o seguinte sobre a atuação dos homeschoolers nos testes americanos:

Rudner (1999) documentou pontuações em testes de desempenho entre 76 e 91 através de todas as 12 séries. Ele notou que estudantes domiciliares da primeira à quarta série estavam um ano inteiro à frente de seus pares das escolas públicas e privadas nos testes padronizados e em torno de 4 anos acima deles na oitava série.

Murphy descreve ainda outros apontamentos dos pesquisadores. Por exemplo, o bom desempenho dos alunos domésticos em relação às escolas públicas e privadas também é observado em famílias de menor renda. Em famílias onde os pais são pouco escolarizados, “a educação domiciliar parece conter os efeitos negativos do baixo nível de educação dos pais sobre a performance do estudante” (MURPHY, 2012, pg. 137). Entretanto, se a comparação for feita somente entre famílias praticantes de homeschooling, a renda e a escolaridade dos

pais influem notadamente (MURPHY, 2012, pg. 138). Quando, porém, se analisa a questão racial e de gênero, contata-se “que o homeschooling diminui os efeitos de raça visíveis na escola pública” e que as “diferenças de gênero amplamente vistas nas pontuações de desempenho nas escolas públicas podem ser mudadas pelo homeschooling” (MURPHY, 2012, pg. 138-139).

David Guterson (1993, pg. 15) acrescenta:

A despeito de uma grande variação em todas essas coisas [nível escolar dos pais, riqueza, certificação dos pais como professores, etc.], que pareceriam superficialmente influenciar pontuações, crianças do homeschooling de origens amplamente variadas permanecem muito similar em um aspecto: eles se saem extraordinariamente bem em testes padronizados de desempenho.

Guterson (1993, pg. 11) também se refere ao bom desempenho alcançado em testes de desempenho pelos estudantes educados no sistema homeschooling. Esse autor aponta ainda algumas causas para esse fato, dentre elas um ensino individualizado, a prevalência do homeschooling entre a classe média, a presença de pais mais ativos na educação dos filhos, pais mais educados e o hábito de alguns pais de preparar seus filhos para esses testes (GUTERSON, 1993, pg. 11 e 12). Porém, Guterson (1993, pg. 12) minimiza a importância desses testes padronizados da seguinte forma:

Assim enquanto eu posso ser tentado a declarar que a aprendizagem fora das escolas é de alguma maneira geral superior à aprendizagem dentro delas, eu não confio muito nos resultados dos testes padronizados que na superfície sustentam isso. Estes testes, parece, são medidas de aprendizagem inerentemente irreais, em parte por causa de fatores que eu tenho descrito, em parte porque nós já temos que formular uma descrição satisfatória sobre o que é a aprendizagem, sobre o que é que nós procuramos medir quando nós medimos a aprendizagem.

Por outro lado, Guterson (1993, pg. 12) escreve o seguinte sobre tais testes e o aproveitamento dos alunos da educação domiciliar:

Entretanto, exames servem para contar o que nós temos – para melhor ou pior – e as pessoas que creem em sua eficácia deveriam levar a sério os sólidos números sobre os alunos domiciliares e suas performances acadêmicas. Eles nos dizem que alunos domiciliares, como um grupo, pontuam bem acima dos alunos do ensino público em todas as categorias do amplamente usado Teste de Desempenho de Stanford, exceto no

cálculo matemático, onde eles estão meramente na norma (embora, de maneira interessante, eles pontuam bem acima da norma nas aplicações matemáticas).

Além disso, Guterson (1993, pg. 15) escreve mais sobre algumas conquistas acadêmicas alcançadas pelos estudantes domésticos:

Havard, Yale, Princeton e muitas outras escolas têm dado as boas vindas aos estudantes domiciliares em seus campos e estudantes domiciliares têm deixado tais lugares com grandes honras e prestigiosa erudição.

Assim, os dados obtidos de escritores americanos sobre o homeschooling são animadores. Afinal, os alunos cuja educação tem sido dirigida pelos pais não estão demonstrando desvantagem intelectual em relação aos alunos pertencentes a escolas regulares. Isso é mais um fator que demonstra a validade do homeschooling como uma alternativa viável para as famílias brasileiras, assim como já tem demonstrado seu valor para as famílias americanas insatisfeitas com as escolas institucionalizadas.

2.3. DOIS FATORES PRIMORDIAIS NO HOMESCHOOLING

David Guterson (1993, pg. 16) destaca dois fatores primordiais para a qualidade da educação infanto-juvenil e que são inerentes à educação domiciliar. O primeiro fator é o envolvimento dos pais na educação de seus filhos. No homeschooling isso é uma condição básica. No momento que os pais decidem não enviar seus filhos para escolas convencionais, eles assumem não apenas o papel de professores como também todo o controle sobre o que seus filhos aprenderão, o método a ser utilizado para ministrar os conteúdos, os locais onde isso ocorrerá e que outras pessoas participarão desse processo. No homeschooling os pais são educadores e gerentes do ensino. Isso é, de fato, um envolvimento completo na educação.

Portanto, Guterson refere-se a diversos escritores que apontam a relação entre o desenvolvimento intelectual de crianças, adolescentes e jovens e a participação dos pais no processo educativo. Guterson (1993, pg. 16) menciona as palavras de um desses escritores, William J. Bennett: “Todos os pais são

professores [...], o professor completo e indispensável. E como professores, os pais sempre tem tido a primeira e maior responsabilidade por educar seus filhos.” Guterson (1993, pg. 18) cita igualmente o Relatório Coleman (uma pesquisa sobre a educacional americana realizada em 1966) que afirma que “a educação começa em casa”. Guterson (1993, pg. 22) também enfatiza que os “pais são professores naturais, posicionados pela própria estrutura da vida para estarem aptos para o aprendizado de seus filhos”. Guterson (1993, pg. 19) destaca o seguinte fato:

No fim nem argumento ou evidência é realmente necessário para convencer os americanos do que eles já sabem: os pais são cruciais para a educação das crianças e a vida familiar é fundamental para o sucesso acadêmico. Essas coisas são tão óbvias que não precisam ser ditas; o fato surpreendente é que, em face delas, poucos de nossos mais notáveis pensadores sobre a educação têm ouvido o que os praticantes do homeschooling têm a dizer-nos.

O segundo fator para uma boa educação é o ensino individualizado ou centrado na criança. Essa é outra característica do homeschooling. Basta perceber o baixo número de filhos que as famílias possuem para entender a facilidade de utilizar o ensino um a um. O pai, a mãe ou um tutor podem facilmente concentrar seus esforços em uma criança por vez e não precisará dividir sua atenção com outras. Sobre isso, Guterson (1993, pg. 20) salienta que “muitas famílias praticantes do homeschooling [...] veem as necessidades de suas crianças, seus estilos de aprendizagem particular e áreas de interesse, como consideração elementar.” Nota-se que na educação doméstica, o método de ensino ou os assuntos abordados não são importantes em si mesmo, pois o essencial é encontrar aqueles que são adequados para cada criança em particular. Guterson (1993, pg. 20) realça o ensino individualizado da seguinte forma:

Embora rígida ou flexível, progressiva ou tradicional, a verdadeira educação sempre começa com a criança e com um entendimento de suas necessidades individuais. [...] Nenhum currículo ou método é “melhor”, e nenhuma premissa filosófica sobre a educação suprema ou universalmente aplicável. Diversidade sem fim é requerida em face da infundável diversidade das crianças. Nossos métodos e currículos devem ser aplicados conforme quem elas são e conforme o que elas individualmente necessitam.

Logo, uma educação individualizada respeita a realidade de que cada criança tem interesses próprios ou uma velocidade de aprendizagem específica. Umas se

saem melhor com uma rígida rotina de ensino e outras apresentam um melhor resultado com rotinas mutáveis. Uma podem começar um aprendizado formal bem cedo e outras com mais idade. Há uma variedade imensa de possibilidades. Por isso, os pais praticantes do homeschooling devem estar dispostos a mudar toda sua forma de ensino sempre que necessário. Rivera (2008, pg. 41) acrescenta as seguintes observações sobre o ensino individual:

Desde que cada criança tem necessidades diferentes, cada uma no homeschooling pode vir a ser educada de uma maneira individualizada e pessoal. Algumas necessidades da criança são mais difíceis de serem supridas do que outras e requerem mais trabalho e conhecimento e, às vezes, paciência. Entretanto cada criança no homeschooling está em uma posição de ter suas necessidades únicas consideradas especiais, com ou sem rótulos ou diagnósticos.

Um detalhe importante a respeito do ensino individualizado é que os pais conhecem profundamente seus filhos e, por isso, são plenamente habilitados para descobrir suas características e seus estilos de aprendizagem. Guterson (1993, pg. 20) esclarece que “desde o momento do nascimento de seu filho, eles [os pais] estão imersos em uma envolvente e íntima relação que lhes permite moldar experiências educacionais apropriadas para essa criança”. Ninguém conhece mais uma criança do que seus pais. Portanto, no homeschooling encontramos uma participação plena dos pais na educação dos filhos e um ensino individualizado baseado em um profundo relacionamento.

2.4. A SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NO HOMESCHOOLING

A questão sobre a socialização das crianças educadas pelos pais é abordada por diversos atores que tratam da homeschooling. Aparentemente, há uma ideia de que a socialização de uma criança somente é possível no ambiente escolar onde a criança interage com muitas outras, vivenciando situações que lhe permitirão viver no mundo adulto. Dessa forma, uma vez que na educação domiciliar as crianças ficam afastadas desse ambiente, imagina-se que elas não desenvolverão uma socialização saudável, tornando-se pessoas isoladas, sem amigos e incapazes de viver apropriadamente na sociedade.

Guterson (1993, pg. 61), de fato, concorda que o homeschooling, quando mal conduzido, pode gerar certos problemas como o isolamento social das crianças. Ele apresenta o seguinte aviso:

Uma criança no homeschooling pode realmente ser isolada, como os críticos alegam, com pouca vida social além de sua família; ela pode ser socialmente inepta tanto como criança ou adulto, permanentemente perturbada pela natureza obsessiva de seu relacionamento com seus pais, solitária, confusa, e em desacordo com o mundo de uma maneira que a frustra diariamente. Sua solidão forçada pode trazer-lhe uma dor excruciante, e em um lar que lhe proporciona pouca oportunidade para interagir com seus pares pode constituir uma forma de abuso infantil.

Murphy (2014, pg. 141), por sua vez, relata essa preocupação da seguinte forma:

Aqueles que estão apreensivos sobre a socialização das crianças no homeschooling apresentam uma teoria de funcionamento que ocorre como se segue. Escolas são um caldeirão crítico no qual importantes habilidades sociais são formadas e normas sociais são aprendidas. [...] Homeschooling, é asseverado, limita as trocas pelas quais habilidades (por exemplo, resolução de conflitos) e normas (por exemplo, respeito pelos outros) são desenvolvidas. Como consequência, uma variedade de resultados negativos materializa-se (por exemplo, pouca habilidade de cooperar na sociedade mais ampla).

Por outro lado, Guterson pondera a respeito do próprio significado de socialização. Para uns a socialização é uma forma de manter a unidade da sociedade em si, para outros é capacidade de conhecermos as pessoas e sermos bem sucedidos no mundo, outros imaginam que é ter amigos com quem conversar, outros ainda que é a maneira de deixar as crianças dirigirem suas próprias vidas ou uma forma de preparar a criança para a atual sociedade ao suprir suas demandas, ou seja, “socialização é processo pelo qual o indivíduo é moldado para as necessidades da sociedade e pelo qual o indivíduo passa a ver sua própria satisfação em termos sociais” (GUTERSON, 1993, pg. 53). Vê-se, portanto, que a pergunta sobre a socialização é uma pergunta com muitos significados e, justamente por isso, com muitas respostas possíveis. A questão é saber o que uma pessoa tem em mente quando faz tal pergunta. Consequentemente, Guterson (1993, pg. 55) apresenta a seguinte definição:

A socialização tem sido variavelmente definida como o processo de adaptação à moralidade e convenções aceitas correntemente. Processo pelo todos os membros da sociedade vem a compartilhar uma experiência comum, ou são adaptados às necessidades da sociedade, ou são assimilados em grupos a fim de tornarem-se ativos socialmente.

Analisando a socialização por outro prisma, Ray, citado por Murphy (2014, pg. 143), “discute a socialização em torno de três domínios: social, emocional, e desenvolvimento psicológico”. Medlin, também citado por Murphy (2014, pg. 143), “descompacta a socialização em três componentes: ‘participação em rotinas diárias da comunidade, aquisição das regras necessárias de comportamento e sistemas de crenças e atitudes, e atuação efetiva como membros da sociedade’”. O próprio Murphy (2014, pg. 143) divide a socialização em “engajamento social, autoconceito, e habilidades sociais”.

Com essas distinções presentes da questão da socialização, Murphy afirma que o homeschooling não tem produzido efeitos negativos nas crianças. Segundo suas pesquisas, a educação domiciliar não provoca isolamento social, pois “a criança mediana no homeschooling interage com um grande número de pessoas em uma base diária”; ao mesmo tempo o homeschooling “reestrutura o mundo social do estudante, promovendo mais mistura de idades do que relacionamentos da mesma idade”; os estudantes domésticos também “estão envolvidos com pessoas de contextos econômicos diversos, idades, religiões e etnias” (MURPHY, 2014, pg. 144).

Sobre a questão do autoconceito, lê-se que “quase toda a evidência acumulada nos últimos 30 anos leva à conclusão que os estudantes do homeschooling não sofrem de baixo autoconceito” (MURPHY, 2014, pg. 145). Neste quesito pesquisas tem apontado que o autoconceito dos alunos do homeschooling “são significativamente maiores do que aqueles dos seus iguais nas escolas públicas” (MURPHY, 2014, pg. 145).

No terceiro quesito, relacionado às habilidades sociais, nota-se que os estudantes domiciliares são tão ou mais maduros do que os escolarizados, possuem boa liderança, grande capacidade de relacionar-se com outros, não apresentam ansiedade, possuem grande confiança e ousadia, revelam menos problemas de comportamento, etc. (MURPHY, 2014, pg. 147).

É razoável, então, formular a seguinte questão: como ocorre a socialização das crianças no homeschooling? Como dito mais acima na definição do homeschooling, este modelo educacional não é algo realizado apenas no lar nem somente pelos pais. Aquelas famílias que praticam esse método tem usado uma variedade de locais para ministrarem os diversos conteúdos como parques, museus ou bibliotecas e igrejas, bem como geralmente fazem uso de professores para certas áreas como, por exemplo, ginástica, música ou instrução religiosa. Nessa forma de educação, qualquer lugar pode ser um local de aprendizado. Por causa dessa característica, os estudantes domiciliares entram em contato com uma grande variedade de pessoas de todas as idades e de diversos contextos. Rivera (2008, pg. 24 e 25) indica tal situação da seguinte maneira: O seguinte relato é válido para indicar essa realidade:

Enquanto uma criança na escola tem uma ocasional viagem de campo fora da sala de aula, crianças no homeschooling estão em suas comunidades quase todos os dias à medida que elas aprendem o que é necessário para crescer dentro do mundo adulto. Crianças no homeschooling aprendem com seus pais, outros membros da família, mentores em seu bairro, bibliotecas, museus, internet, classes comunitárias, e uns com os outros, tanto quanto as crianças têm aprendido através dos séculos.

Para terminar, Guterson (1993, pg. 66) destaca um aspecto importante para uma socialização saudável: o relacionamento com adultos. Segundo ele, as crianças no homeschooling estão mais propensas a desenvolverem relacionamentos significativos com outros adultos (GUTERSON, 1993, pg. 67). Em contrapartida, ele percebe que crianças escolarizadas geralmente apresentam dificuldades de relacionarem-se com pessoas mais velhas, já que a escola “na essência remove os adultos de suas vidas ou, mais do que isso, coloca-os lá na razão de um para trinta e em um papel de autoridade não inteiramente proveitoso para a formação de um relacionamento significativo” (GUTERSON, 1993, pg. 69). Por isso, questiona: “É algo admirável que nossas crianças tendem a evitar adultos e, ao invés disso, seguir outra criança inflexivelmente não somente na escola, mas também fora dela?” (GUTERSON, 1993, pg. 69). A seguinte explanação faz-se necessária:

Homeschooling, quando praticado cuidadosamente, permite às crianças desenvolverem um conjunto de relacionamentos mais harmoniosos não apenas com seus iguais e com adultos em suas comunidades, mas com

suas famílias e parentes também. Isso lhes dá muitos adultos em muitos contextos em oposição ao relacionamento estudante-professor, que pode ser excelente, porém mais geralmente carece de intimidade e tem atrás dele o livro de notas vermelho do professor (GUTERSON, 1993, pg. 69).

2.5. O HOMESCHOOLING E A TRANSMISSÃO DA FÉ CRISTÃ

Há várias razões que têm levado famílias a praticarem o homeschooling. Em sua monografia, André de Holanda Padilha Vieira (2012), falando da realidade brasileira, apresenta algumas dessas razões: 1) a percepção de que o ensino formal dado na escola era pouco útil; 2) o reconhecimento de uma doutrinação secular ou socialista; motivações religiosas; 3) desacordo com os valores transmitidos no ensino regular; 4) agressões físicas sofridas pelos filhos; 5) assédio sexual e presença de drogas na escola; 6) a crença de que o “ensino convencional atrapalha o desenvolvimento natural dos interesses da criança”; entre outros. Aliás, um dos pais entrevistados por Vieira (2012, pg. 41), a da Senhora Darcília, fez uma preocupante denúncia: “No jardim [de infância], eles distribuíam camisinhas para garotos de 9, 10 anos! O governo incentiva a promiscuidade, mas depois fala de DST. Ele 'tá' doutrinando uma geração inteira 'pra' irresponsabilidade e sexo livre, por isso que pressiona 'pra' liberar o aborto”.

Quase todos os motivos acima afetam a vida religiosa de nossas crianças, adolescentes e jovens. Não causa surpresa, portanto, Murphy (2014, pg. 88) relatar que dentre as motivações para a prática do homeschooling nos EUA (onde o ambiente escolar tem recebido críticas semelhantes) encontram-se as questões religiosas. Segundo ele, “convicções religiosas têm se tornado uma variável crítica no algoritmo do homeschooling” e que tais convicções “permanecem no topo ou próximo ao topo da lista de razões pelas quais as famílias educam em casa” (MURPHY, 2014, pg. 88). Baseando em alguns pesquisadores, Murphy (2014, pg. 89) relata o seguinte:

Para cumprir a chamada de integrar a doutrina cristã na vida de seus filhos [...] e trazer unidade para a família bem como mantê-la [...], muitos pais acreditam que eles devem (a) formar uma barreira entre a casa e o Estado, para manter o controle, e (b) ter seus filhos consigo por uma parte significativa do dia [...]. No total, então, para um grande número de pais o homeschooling tem o potencial tanto para proteger os filhos dos valores inaceitáveis em jogo na escola pública e na sociedade como um todo como para fomentar a perspectiva cristã que é a força vital de suas famílias.

No homeschooling, as questões religiosas podem ser abordadas pela família e integradas a todas as outras disciplinas. Murphy (2014, pg. 89) reconhece isso quando afirma que dentre as famílias praticantes da educação domiciliar, os pais que tem motivações religiosas “veem a fé como uma força inspiradora que coloca Deus no centro de suas vidas e puxa todas as dimensões de sua existência em um todo integrado [...], uma força que organiza todas as dimensões de sua existência”.

Uma escola pública, por seu caráter secular, não pode privilegiar nenhuma religião. Mas o homeschooling não obedece a esse princípio que divide educação secular e educação religiosa. Na homeschooling, a fé não precisa ser separada da educação. Pelo contrário, segundo Bauer e Wise (2009, pg. 202), “essa separação da fé religiosa da educação produz uma educação incompleta”. Por isso, elas comentam o seguinte:

Desde que você mesmo está ensinando seus filhos, você pode corrigir essa situação. Não ignore a instrução sobre (pelo menos o mínimo) os fatos das maiores religiões do mundo. Tente relacionar os estudos dos filhos com sua própria fé, com sua própria herança religiosa (BAUER E WISE, 2009, pg. 202).

Torna-se perceptível que a fé cristã pode e deve ser abordada, por exemplo, no ensino da história quando se leva em conta que o desenvolvimento do ocidente em grande parte ocorreu sob uma grande influência do cristianismo, seus princípios e crenças. Bauer e Wise (2009, pg. 202), sugerem: “ensine o êxodo, e a conquista [da terra], e o exílio, e o nascimento de Cristo ao lado da história antiga”. Na biologia, em outro exemplo, o ensino não precisa se restringir ao evolucionismo ateu. Este pode dividir espaço com sua versão teísta ou com o criacionismo, segundo ensinado na teoria do design inteligente. Nesse caso, os pais podem ajudar seus filhos a entender que o cristianismo é basicamente criacionista, conforme a Bíblia ensina em diversas partes. Portela (2012, pg. 126) mostra como isso pode acontecer:

Os evolucionistas examinam as diversas espécies de seres vivos, incluindo o homem, e discernem algum paralelismo estrutural nelas. Chegam à conclusão de que descendem, portanto de um ancestral comum. Os criacionistas verificam que existe, sim, paralelismo estrutural em grande parte da criação. Conjugam isso com a verdade bíblica da existência de um

Criador – ou seja, em vez de um ancestral comum, temos um Criador comum, com um plano mestre, que criou as espécies. É importante ressaltar que dentro do criacionismo existe uma diversidade de opiniões sobre o desenvolvimento e o tempo a partir da criação, mas o ponto comum é a Crença no Deus Criador.

Fica claro que os pais são livres no homeschooling para apresentar as doutrinas cristãs no contexto de cada matéria. Na matemática, um terceiro exemplo junto com a história e a biologia, os pais devem ensinar “que o criador é Deus de ordem”, pois no “universo, criação de Deus, verificamos a ordem matemática das estruturas”, dito de outra forma, “a criação é governada por leis matemáticas, por sequências lógicas [...], que refletem o caráter daquele que a formou” (PORTELA, 2012, pg. 157). E o mesmo critério pode ser usado no ensino da física, da química, da geografia, do português, etc. Logo, a separação entre ensino religioso e ensino secular é anulada na educação domiciliar quando realizada por pais comprometidos em transmitir os ensinamentos e as verdades da Bíblia. Ou seja, a educação domiciliar permite que as palavras de Portela (2012, pg. 150) sejam colocadas em prática:

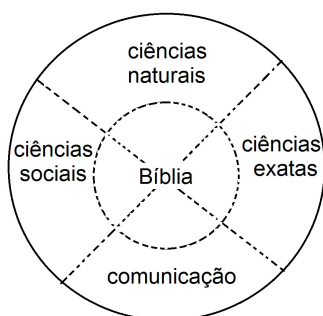
A fé cristã deixa de ser uma “questão religiosa” para o domingo, mas volta assumir o seu posto original, e que havia sido resgatado pela reforma do século 16 – mola mestra do nosso caminhar; ponto central do entendimento do mundo que nos cerca, elemento não somente de redenção, mas de compreensão e entendimento.

A cosmovisão cristã pressupõe a presença de Deus em todos os assuntos humanos, já que a “cosmovisão é a compreensão que uma pessoa tem do mundo, do universo que a cerca, da vida” (PORTELA, 2012, pg. 149). Por isso, pais cristãos refletirão sua cosmovisão em seu ensino doméstico de modo natural. Afinal de contas, conforme Portela (2012, pg. 149) esclarece, a cosmovisão cristã “aborda todas as esferas de conhecimento, possíveis de estarem presentes na humanidade, como procedentes do Deus único e verdadeiro, Senhor do Universo”. Ou como Bauer e Wise (2009, pg. 202) afirmam:

A educação não pode ser neutra quando ela se trata da fé: ela é ou sustentadora ou demolidora [da fé]. O objeto da educação é a humanidade, suas realizações, suas descobertas, seu tratamento selvagem de sua própria raça, sua disposição de suportar o autossacrifício. E você não pode aprender – ou ensinar – sobre a humanidade sem considerar Deus.

Portela (2012, pg. 138) também entende que a Bíblia deve ser “central ao processo de ensino aprendizagem. Ela age como elemento purificador e de integração entre todas as áreas do conhecimento”. Tal pensamento é facilmente aplicável no homeschooling. Portela (2012, pg. 138) inclusive ilustra como deve ser a posição da Bíblia na educação cristã:

Figura I: Educação centrada na Bíblia



Fonte: Portela, 2014, pg. 138.

É interessante notar que a recomendação bíblica que diz: “Instrui a criança no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele” (Pv 22.6), usada para chamar a atenção dos pais e normalmente relacionada apenas à doutrina religiosa (separada da educação convencional), é ampliada no homeschooling, passando a englobar todas os assuntos ou matérias que uma criança pode aprender e que os pais devem ensinar. Instruir o menino no caminho que deve andar, pode significar na educação domiciliar a obrigação dos pais de instruí-lo integralmente. Há ainda outra passagem bíblica muito usada no contexto da educação religiosa e que também ganha maior amplitude no homeschooling, devido à aplicação da cosmovisão cristã no ensino de qualquer assunto. A passagem é a seguinte:

Ouve, ó Israel: O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos e delas falarás sentado em casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te. Também as amarrarás como sinal na mão e como faixa na testa e as escreverás nos batentes da tua casa e nas tuas portas (Dt 6.4-9).

Embora as palavras originais tenham sido endereçadas ao povo hebreu, pode muito bem ser aplicadas aos dias de hoje, em uma educação completa, realizada no âmbito familiar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início, este trabalho visou analisar, sob alguns aspectos bem restritos, essa nova possibilidade educacional denominada homeschooling. Essa forma de ensino ainda é pouco utilizada no Brasil, porém começam a surgir trabalhos acadêmicos a respeito, notícias na mídia sobre pais que já aderiram a ele e até mesmo uma associação nacional de praticantes foi organizada. Há inclusive um projeto de lei buscando regulamentar a educação domiciliar no país².

Logo, pode-se concluir que, apesar da grande hegemonia do ensino realizado em escolas institucionais (públicas ou privadas), este não é o único modo de uma pessoa receber uma educação acadêmica. De fato, o ensino acadêmico fora das escolas não somente é possível como já se apresenta como uma realidade. Experiências nacionais e americanas demonstram claramente esse fato. Portanto, a educação domiciliar surge como mais uma opção viável à disposição dos pais.

REFERÊNCIAS

BAUER, Susan Wise; WISE, Jessy. **The well trained mind**: a guide to classical education at home. New York: W. W. Norton & Company, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo esperança**. Almeida século 21. São Paulo: Vida Nova, 2011.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **E agora como viveremos?** Tradução de Benjamin de Souza. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

GUTERSON, David. **Famly Matters**: why homeschooling makes sense. San Diego: A Harvest Book, 1993.

MURPHY, Joseph. **Homeschooling in America**: capturing and assessing the movement. New York: Skyhorse Publishing, 2014.

² Trata-se da PL 3179/2012 de autoria do Dep. Federal Lincoln Portela (PR-MG). Lido em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=534328>> Acesso em: 29 mai. 2016.

PORTELA NETO, Francisco Solano. **O que estão ensinando aos nossos filhos?:** Uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea, apresentando a resposta da educação escolar cristã. São José dos Campos: Fiel, 2012.

RIVERO, Lisa. **The Homeschooling Option:** how to decide when It's right for your family. New York: Palgrave MacMillan, 2008.

VIEIRA, André de Holanda Padilha. **ESCOLA? NÃO, OBRIGADO:** Um retrato da homeschooling no Brasil. Monografia de graduação submetida ao curso de Ciências Sociais, habilitação Sociologia da Universidade de Brasília.